



RELIGIÃO E REPRESENTAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE EM ESCOLAS PÚBLICAS DE PENÁPOLIS – SP (1990-2009)

Carlos Eduardo Marotta Peters*

Resumo: O campo religioso brasileiro passou por intensas mudanças nas últimas décadas. Uma das mudanças mais sensíveis foi o avanço do Protestantismo (principalmente as vertentes neopentecostais) e o recuo do Catolicismo, a grande religião tradicional do Brasil. A disputa pelo monopólio do sagrado no campo religioso afetou outros campos da sociedade brasileira. Este trabalho discute a inserção desse embate no universo escolar, problematizando a presença de discursos e práticas religiosas no cotidiano de escolas públicas de Penápolis - SP. O foco do trabalho são as representações religiosas da homossexualidade produzidas em sala de aula. Esse tema foi inserido no universo escolar em função das discussões acerca da extensão dos direitos civis a partir da Constituição de 1988. As fontes do trabalho são os textos religiosos distribuídos pelos professores. São utilizados, como referenciais teóricos, os conceitos de Imaginário e Representações Sociais da Nova História Cultural.

Palavras-chave: Religião. Ensino Público. Homossexualidade.

Abstract ou Resumen: The Brazilian religious field has undergone intense changes in recent decades. One of the most radical changes was the advance of Protestantism (mainly the neo-Pentecostal aspects) and the retreat of Catholicism, the great traditional religion of Brazil. The contest for the monopoly of the sacred in the religious field affected other fields of Brazilian society. This work discusses the insertion of this clash in the school universe, problematizing the presence of discourses and religious practices in daily life of public schools in Penápolis - SP. The focus of the work is the religious representations of homosexuality produced in the classroom. This theme was inserted in the school universe in the light of the discussions about the extension of civil rights from the Constitution of 1988. The sources of the work are the religious texts distributed by the teachers. The concepts of Imaginary and Social Representations of the New Cultural History are used as theoretical references.

Keywords ou Palabras clave: Religion. Public Education. Homosexuality.

*Centro Universitário Toledo – UNITOLEDO.
Araçatuba, SP, Brasil.

Doutor em História Social pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, SP, Brasil.

Professor do Curso de Graduação em História e do Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Toledo.

E-mail: marottapeters@yahoo.com.br



REVISTA
MEMORARE


www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

Ingressei no magistério em 1999, atuando em uma escola estadual da cidade de Penápolis - SP. A partir da experiência como docente e pesquisador, busquei analisar como profissionais do ensino selecionavam conteúdos, metodologias e até mesmo valores morais a serem inseridos no processo de ensino-aprendizagem. Percebi que tais escolhas diziam ser baseadas em princípios democráticos, expressos nos parâmetros curriculares e construídos com base em certo conceito de cidadania. Por outro lado, percebi que a noção de cidadania usada pelos profissionais do ensino era polissêmica. Parte significativa dos professores inseria em sua ação pedagógica conteúdos e valores referentes às suas crenças religiosas. Legitimavam seu proselitismo evocando a liberdade de culto garantida pela Constituição de 1988.

A constatação da existência do proselitismo religioso nas instituições públicas de ensino me levou a buscar explicações para tal fenômeno no âmbito dos estudos históricos e sociológicos sobre educação e religião, sendo a questão da inserção do discurso religioso nas escolas públicas o foco de minhas reflexões. O tema é pertinente porque a ação pedagógica é fundamental no processo de reprodução de certo arbitrário cultural, portanto de formação de representações de mundo que balizam a ação social dos indivíduos.

Decidi que seria mais proveitoso um trabalho com um número reduzido de UEs, o que permitiria um levantamento de fontes mais criterioso. O levantamento de fontes foi realizado em oito escolas estaduais da cidade de Penápolis: CEFAM, EE Profa Luiza M. B. Nory, EE Augusto Pereira de Moraes, EE Profa Ester Eunice, EE Adelino Peters, EE Profa Yone Dias de Aguiar, EE Carlos Sampaio Filho e EE Luiz Crisóstomo de Oliveira. O foco da pesquisa documental foi a EE Yone Dias de Aguiar, onde lecionei a disciplina de História entre 1999 e 2008.

O resultado da pesquisa foi uma tese de doutorado (PETERS, 2010), apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP). O presente artigo é um desdobramento das reflexões contidas na tese. O trabalho se debruça sobre as representações da homossexualidade presentes nos textos religiosos utilizados pelos professores. Esses textos religiosos são inseridos no universo escolar sem



necessariamente constarem dos projetos pedagógicos das escolas ou da LDB. Fazem parte de uma estratégia de conversão criada no âmbito das igrejas às quais os professores pertencem.

Para a produção do trabalho, busquei inspiração na História Cultural, utilizando o conceito de *representação*. As *representações* têm a capacidade de substituir a realidade que representam, construindo o mundo paralelo de sinais no qual as pessoas vivem. Ela mobiliza pessoas e grupos sociais e produz reconhecimento e legitimidade social, inserindo-se em regimes de verossimilhança e de credibilidade. As *representações* podem ser vistas como matrizes geradoras de condutas e práticas sociais (PESAVENTO, 2005). As representações de mundo produzem imaginários, que podem ser definidos como conjuntos de representações que dão ao mundo um sentido ontológico. O imaginário é histórico e datado, comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores; é construtor de identidades e exclusões, serve para hierarquizar, dividir, produzindo coesão e conflito (PESAVENTO, 2005, p. 23).

O mundo é construído de forma diferente de acordo com os grupos sociais. Aqueles grupos que conseguem legitimar seus discursos e práticas, adquirem poder simbólico para impor certa leitura do real. A análise das *representações* permite que se entenda a realidade como um campo de forças para se definir o que é real (BOURDIEU, 1989).

Diversas mudanças ocorreram no campo religioso brasileiro no século XX. As disputas pelo monopólio do sagrado no interior desse campo ficaram mais acirradas com o advento da República e o estabelecimento da liberdade de culto. Na virada para o século XXI, os grupos religiosos que mais cresceram foram os protestantes pentecostais e neopentecostais, que passaram a atuar de forma incisiva na busca de novos fiéis, utilizando os meios de comunicação de massa, a política e a educação. Meu trabalho busca entender que discursos religiosos foram inseridos nas escolas públicas de Penápolis e quais representações eles produzem acerca homossexualidade.

Na análise das fontes, constatei que a oposição entre caos e ordem está presente em quase todos os documentos. O mundo profano e os valores da modernidade¹, bem como as religiões opositoras na disputa pelo monopólio do sagrado, são

¹ Não todos os valores *modernos* são representados como negativos nos textos analisados. A racionalidade capitalista e a valorização do trabalho, por exemplo, são muitas vezes exaltadas e separadas de outros valores profanos, como o pluralismo e o relativismo.



representados com diversos nomes que remetem à ideia de caos e desordem, enquanto que a ação evangelizadora dos professores e de suas igrejas, aparece como um processo de ordenação do caos, criação da ordem e do mundo. Nessas representações do mundo, existe recorrência às metáforas da guerra e da doença.

No que se refere à metáfora da guerra, o mundo é representado como caótico e palco de uma luta cósmica entre o bem e o mal. O papel do professor e da escola é submetido a tal sentido. A ação pedagógica é referida como *uma luta contra o mal, um combate pela luz, uma grande batalha contra o Diabo* etc. Em todos os textos ancorados em tal metáfora, há um chamado à ação; chamado que se diz *necessário, urgente e indiscutível*. Não haveria espaço, na pregação religiosa, para indecisões ou posturas conciliadoras. Na ação realizada no *campo avançado* da instituição escolar não haveria lugar para *ecumenismos* ou *relativismos*, representados como tentativas do inimigo de conseguir tempo para reunir forças:

Enquanto se fala em ecumenismo e tolerância, os agentes do diabo se articulam e usam as leis em seu favor. Esses aí que pregam a aceitação de tudo estão sem saber defendendo bandidos, prostitutas, gays, pedófilos e todo tipo de gente que o diabo manipula. O combate pela verdade é o combate por Deus. Não podemos jogar nos dois times. (SOLDADOS, 2003, p. 1).

Esse posicionamento levou boa parte do professorado a adotar posturas contrárias à tolerância religiosa e aos debates propostos em diversas disciplinas e eventos acerca da questão da alteridade.

2. Modernidade e homossexualidade

O processo de modernização da sociedade brasileira gerou mudanças no universo dos costumes e das crenças religiosas e se estendeu para a conduta sexual. Houve, nas últimas décadas do século XX, uma ampla luta pela liberdade e igualdade sexual, fenômeno que, segundo Michael Pollak (1985, p. 54), tirou a homossexualidade das sombras do domínio do *não-dito*. Tal processo, reforçado pela radicalização da vivência e do conceito burguês de individualidade, não ocorreu sem que múltiplos discursos fossem produzidos sobre o tema.

No âmbito da ciência, existem conflitos acerca da representação da homossexualidade. Ela foi vista como *desvio*, herança de um discurso médico-higienista



do século XIX, e como uma forma válida e não hierarquizada de se chegar ao orgasmo. A visão psiquiátrica dominante até a década de 1960 a entendia como perversão. Apenas em 1974, a Associação Psiquiátrica Americana deixou de considerar a homossexualidade como uma perturbação mental. Já os defensores da homossexualidade se apoiavam numa visão naturalizada que, na maioria das vezes, levou a uma postura liberal, reduzida aos aspectos políticos da questão, com ênfase na discriminação sofrida pelos homossexuais (POLLAK, 1985, p. 55).

A homossexualidade aflorou como fenômeno social digno de ser discutido, descrito e entendido e muitos homossexuais passaram a lutar, respaldados pelo conceito de cidadania, por direitos iguais em sociedades que sempre foram heteronormativas. A bandeira de boa parte dos movimentos homossexuais também está assentada nos conceitos básicos da tradição liberal, centrados na ideia de direitos, o que os insere no amplo espectro da ordem constitucional.

As representações sobre a homossexualidade exteriores ao campo científico ou político são mais complexas, principalmente após o surgimento da AIDS na década de 1980. A doença não só enfraqueceu os valores da liberdade sexual apregoados desde os anos 60, como serviu para a *demonização* das práticas sexuais livres e homossexuais. Nos anos 80, nos Estados Unidos, ela recebeu o apelido de *câncer gay* ou mesmo *peste gay*, o que serviu para associar o comportamento sexual dos homossexuais com a propagação da doença. Durante algum tempo, os próprios cientistas que se ocupavam do problema afirmavam que os heterossexuais eram imunes, o que acabou por fortalecer a epidemia.² Os homossexuais foram considerados responsáveis pela expansão da epidemia e também pelo seu surgimento. A AIDS, em seu início, atacou também hatitianos, usuários de drogas injetáveis e hemofílicos, grupos humanos que não se adequavam ao ideal branco, heteronormativo saudável, que é o tipo humano valorizado pela sociedade americana

² Os primeiros artigos falando sobre AIDS surgiram na virada para a década de 1980. Falavam da *promiscuidade* de jovens homossexuais masculinos que viviam em áreas urbanas e do surgimento de mortes misteriosas, causadas por doenças que normalmente não levavam à morte. O novo mal foi apelidado de “câncer gay” por causa da incidência alta de um raro tipo de câncer de pele naquela população. O primeiro nome, extraoficial, usado para designar a enfermidade foi GRID (Gay-Related Immune Deficiency ou Síndrome Imunológica Ligada a Gays). Em 1982 foi adotada a sigla AIDS (Acquired Immune Deficiency Syndrome). Nos corredores dos hospitais ela era chamada de WOG (Wrath of God ou Ira de Deus), enfatizando o aspecto moralizante de punição para um comportamento considerado desviante. A detecção da AIDS primeiramente na interior da comunidade gay gerou uma associação que perdura até os dias atuais. A ambiguidade dos dados científicos acabou por solidificar o caráter moral e estigmatizante do mal, levando à atribuição de culpa aos doentes (BÍSCARO, 2002).



(BÍSCARO, 2002, p. 13-14). Como contraponto aos valores libertários, houve um *retorno* do discurso tradicionalista de defesa de valores sociais e familiares. Uma nova onda de combate à homossexualidade surgiu dessa associação com a AIDS. A noção de que a AIDS era uma punição divina pela conduta sexual considerada antinatural no discurso religioso permeou a fala de religiosos e tornou-se senso comum nos juízos sobre o mal e jamais desapareceu, sendo utilizada até os dias atuais.

A leitura acima é generalizante, pois tenta captar uma mudança na representação da homossexualidade em grandes linhas. No âmbito das instituições de ensino estudadas, é notória a permanência de concepções conservadoras no que se refere ao tema. Desde sempre a escola foi *locus* para a afirmação de valores tradicionais como casamento monogâmico e indissolúvel e conduta sexual *saudável*, o que significa que as instituições escolares tentavam controlar os impulsos sexuais de seus alunos. A homossexualidade era ocultada como algo indigno de ser debatido.

A defesa da *normalidade* sexual passava necessariamente pela afirmação dos valores familiares. Com relação à homossexualidade, havia sido uma grande ausência de debates no universo escolar. Só a partir dos anos 80 a questão ficou mais visível e, na virada para os anos 90, o homossexual apareceu como uma *pessoa como outra qualquer* na fala dos professores, então imbuídos de valores liberais e democráticos. Em muitos trabalhos produzidos pelos alunos sobre a questão da cidadania, o homossexual aparece ao lado de outras *minorias* que ainda não gozavam de todos os direitos civis, como índios, mulheres, negros, deficientes etc.

O homossexual passou a ser representado como um cidadão que deveria ter direitos reconhecidos. Mesmo o tema da união civil entre homossexuais gerou tantos embates, sendo entendido unicamente como exercício de direitos civis. Existiam representações negativas do homossexual. Alguns alunos, em seus trabalhos, deixavam claro que acreditavam que todos deveriam ter direitos iguais, mas que os homossexuais não eram *totalmente normais*.³ Mas, acima das concepções pessoais, pairava uma fachada de tolerância, com base na concepção oficial de cidadania, calcada nos conceitos de liberdade e igualdade que norteavam a ação pedagógica do professorado.

A visão do homossexual como um igual também vinha carregada de estereótipos, a ponto de, em alguns casos, ele ser representado como portador de uma

³ Concepções extraídas de trabalhos de alunos sobre diversidade e cidadania entre 1990 e 1996.



substância diferente da dos homens e mulheres *normais*, um *outro* nas representações sobre a sexualidade. A cultura escolar, por sua vez, principalmente no universo mental do alunado, sempre foi *homofóbica*.⁴ A afirmação da masculinidade, no universo escolar adolescente, passava necessariamente pela representação negativa do homossexual.

A partir da década de 90 houve uma mutação no discurso sobre a homossexualidade em função da inserção de representações religiosas nas escolas. Surgiram cada vez mais menções ofensivas a eles. O ápice dessa mudança foi no ano de 2004, quando os professores capitalizaram o sucesso do filme *Paixão de Cristo* (2004) para ampliar sua ação proselitista.

O referido filme teve várias sessões especiais para igrejas, empresas e escolas. Quase todas as escolas da região realizaram sessões para seus alunos. Eles foram acompanhados por professores, que se responsabilizavam também pelo debate sobre o filme. Observei muitas dessas sessões. A exibição do filme causou reações apaixonadas. Em muitas sessões, a comoção foi tão grande após a crucificação do Cristo, que os professores passaram a *pregar* para os alunos aos prantos, na maioria das vezes frisando que Cristo havia morrido por eles. Uma ideia onipresente nessas pregações improvisadas é a de que Cristo morreria por causa de uma conspiração. Em determinada sessão, uma professora indicou aos alunos quem eram os conspiradores:

E vocês, o que fazem? É que vocês ficam aí sentados olhando para o mundo enquanto ele está sendo destruído assim como Cristo foi destruído por conspiradores e infiéis. Vocês viram o diabo no filme? Qual era a cara dele? O diabo era romano, era judeu, era mulher e homem. Vocês não viram que era mulher e homem? Não era uma coisa só, era duas.⁵

Ela referia-se à imagem andrógina do diabo construída pelo filme. Sua fala reforçou a ideia de ele seria *homem e mulher*; uma espécie de retrato da *indecisão* do homossexual. Essa associação do diabo com a homossexualidade já havia aparecido em diversos textos distribuídos antes da exibição do filme. A partir de então, tal associação passou a ser corriqueira. Na evolução do discurso religioso sobre o homossexual nas escolas, podemos precisar dois momentos. No primeiro, o homossexual é representado como um doente que precisa ser tratado. Tal representação reproduz, em linhas gerais, o

⁴ Conceito impreciso, que cria a impressão de que o medo frente ao homossexual é algo genético ou psicologicamente profundo e não cultural e histórico.

⁵ Fala anotada em caderno de pesquisa de campo. Agosto de 2004.



antigo discurso médico sobre a questão, que qualificava o homossexualismo como desvio. Assim, na maioria dos textos sobre o tema há um chamado à ação que insiste na necessidade de se *curar o desvio*:

A homossexualidade é uma doença que deve ser combatida. Não devemos tratar mal os enfermos mas dar a eles um remédio eficaz para a sua doença. E o remédio é Cristo. A cura definitiva é quando se constrói uma família cristã saudável com um homem e uma mulher. (UMA DOENÇA, 1995, p. 1).

O homossexual, no novo contexto, não era mais visto como um doente, apesar de tal perspectiva permanecer. Ele passou a ser descrito como um conspirador, capaz de destruir as famílias e a própria sociedade. O princípio do caos passou a ser utilizado para fazer referência a ele.

3. Representações religiosas da homossexualidade

A questão da sexualidade ocupou espaço privilegiado no cristianismo. Nas pregações de São Paulo se estabeleceu o pecado contra o próprio corpo como uma das cinco grandes categorias de pecado (ARIÉS, 1985, p. 50). O corpo, nesse sentido, foi representado como templo do Espírito de Deus, um lugar sagrado que deve ter seus interditos. Tais pecadores da carne foram divididos em subgrupos, que abarcavam prostituídos, adúlteros e os *masculorum concubitores*, ou seja, aqueles homens que dormem com outros homens. Os pecados sexuais criaram uma nova moral sexual, que igualava os atos sexuais proibidos com o homicídio.

A homossexualidade, comum na cultura greco-romana, passou a ser representada como abominável (ARIÉS, 1985, p. 51-52). De fato, a cristandade inaugurou uma moral sexual em que o *combate da castidade* (FOUCAULT, 1985) tornou-se quase uma obsessão, sendo a fornicação muitas vezes associada a outros vícios, como a gula. Segundo Michel Foucault (1985, p. 26), isso ocorreu porque são dois vícios considerados inatos, e que dificilmente são vencidos pelos homens. São vícios que implicam a participação do corpo para se formarem e para realizarem seu objetivo. Além disso, estabelece-se um vínculo de causalidade muito direta entre eles.

Tal condenação se insere num processo de transformação do corpo como metáfora e de suas funções baixas, principalmente sexuais, como representação dos



vícios. A oposição alto-baixo é fundamental em tal sistema simbólico, com a cabeça e os olhos representando as virtudes e o ventre e as partes *pudentas* transformados em símbolos da perdição (LE GOFF, 2006). Os mecanismos de repressão às sexualidades *desviantes* tiveram, a partir de então, uma longa e multifacetada história.

A sodomia foi um dos crimes sexuais combatidos pela Inquisição. Ela foi considerada como um pecado tão feio, sujo e desonesto que afugentava até mesmo o diabo (MOTT, 1988, p. 14). Em linhas gerais, podemos dizer que a condenação da sodomia e da homossexualidade em geral não arrefeceu nos séculos posteriores à perda de hegemonia da Igreja Católica. Segundo Foucault, após a Reforma houve o nascimento de grandes proibições, com a valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial (FOUCAULT, 1984, p. 109). Os imperativos da decência reprimiram novamente o corpo e o *processo civilizador* então em curso mudou paulatinamente as atitudes relativas às funções corporais, o que gerou um aumento de interditos relativos ao corpo (ELIAS, 1994).

Múltiplos discursos foram produzidos sobre a homossexualidade. A maioria com representações negativas. Entre os séculos XIX e XX, houve a inscrição do comportamento sexual *desviante* no rol das doenças mentais. Tal representação negativa esteve no cerne da moral burguesa presente no processo de modernização do Brasil do século XX.

A visão negativa do homossexual produzida pela professora referida anteriormente, associando o homossexualismo com o diabo, de certa forma se apropria da concepção cristã tradicional de condenação à sodomia. O homossexual seria, na visão de parte dos textos arrolados, um *seguidor de Satanás*, um portador de *sexualidade antinatural*, um *inimigo da verdade e da fé* e, segundo a mais exaltada das representações, um *conspirador contra a ordem natural do mundo*. De fato, muitos textos passaram a representar o homossexual como um conspirador. Alguns textos apresentam a ideia de que os homossexuais, por não poderem se reproduzir, costumam adotar crianças pequenas, que podem ser *transformadas* em novos homossexuais:

As pessoas defendem os gays e dizem que eles devem ter uma vida feliz como todo casal, inclusive adotando filhos. Mas porque eles só querem adotar crianças? É para molestar e fazer a criança virar um homossexual como eles e acabar com tudo pela raiz. Sim, é assim que eles se espalham e querem acabar com a família natural. (O QUE. 2004, p. 1).



A argumentação presente nesses textos se assemelha àquela apresentada pelo deputado estadual Edino Fonseca do Rio de Janeiro no ano de 2004. O referido deputado, pastor da Assembleia de Deus, pregou que existiria uma conspiração homossexual contra a humanidade e apresentou um projeto de lei para evitar que os homossexuais conseguissem seu intento. Propôs a criação de um serviço de atendimento psicológico para reconduzir os homossexuais à heterossexualidade. O projeto gerou grande polêmica, sendo depois barrado. Um artigo de André Petry (2004, p. 116) publicado na revista *Veja*, comentou o projeto e circulou também em muitas salas de aula entre 2004 e 2006. Tal artigo foi usado como exemplo de como a grande imprensa teria sido cooptada pelos homossexuais para consolidarem seu domínio:

Vocês já deviam saber que os inimigos da fé e amigos dos homossexuais são insidiosos. Estão espalhados por aí, nos jornais e nas revistas. O projeto do pastor Edino Fonseca que queria barrar o avanço dos homossexuais e tratá-los como doentes que são foi apedrejado por defensores do mal. Pois a luta contra o demônio é dura e os amigos do diabo são poderosos. (A REVANCHE. 2004, p. 1).

Uma aproximação que começou a ser feita a partir dessa teoria conspiratória foi entre homossexualismo e pedofilia. Não são poucos os textos que afirmaram que os homossexuais seriam os principais praticantes da pedofilia.⁶

Outra *prova* de que haveria uma conspiração homossexual, segundo os textos, seria a propagação da AIDS a partir da década de 1980. Nas representações da doença, os homossexuais são constantemente apontados como responsáveis pela epidemia:

Quero que vocês vejam a AIDS que se espalhou como uma praga nas famílias. A tentação do diabo levou até a doença, o sexo sem compromisso dos

⁶ A pedofilia é considerada atualmente uma perversão na psicologia e na psicanálise e tem punição prevista no Código Penal desde pelo menos 1940. Mais recentemente, ela foi classificada como um crime hediondo. É interessante notar que, na Idade Moderna, as pregações moralistas do clero católico e protestante se voltou para a reforma da cultura do povo comum (BURKE, 1989). No bojo de tal processo que se construiu um novo conceito de infância. Disseminou-se uma preocupação com a educação das crianças. Elas seriam alvos de cada vez mais cuidados, o que acabou por inspirar sentimentos de afetividade e proteção (ÁRIES, 1981). O moralismo advindo de tal mudança acabou por gerar a noção de inocência infantil, que levou a uma mudança na concepção do sexo relativo às crianças. Se antes elas eram integradas rapidamente ao mundo adulto, a partir de então, num processo que se consolidou nos séculos XVIII e XIX, ela passou a ser *protegida* dos adultos por um longo período. A representação do homossexual como pedófilo em potencial é característica, portanto, de uma representação contemporânea, onde a sodomia é vista como uma *aberração* menor do que a pedofilia. Trata-se de uma estratégia de desqualificação da homossexualidade, que visa sua associação com condutas sexuais hediondas.



sodomitas foi responsável pela difusão da praga entre nós, mas a AIDS não é só uma punição de Deus contra os atos dos homens ela é também obra do demônio para enfraquecer a humanidade. Ele usa os seus servidores para espalhar a praga com o consentimento de Deus que quer punir os homens pela sua má conduta. E quem são os lacaios do diabo? São os gays e seus defensores. (A AIDS, 2002, p. 1).

São muitas as leituras possíveis da passagem acima. A AIDS seria um flagelo de Deus para punir os homens por sua conduta sexual e uma forma do diabo espalhar o caos e a destruição do mundo, com o consentimento de Deus. Nesse caso, o diabo seria um laçao de Deus e suas ações também estariam previstas no plano divino. Os homossexuais, por sua vez, seriam veículos para a ação do diabo. Há semelhanças entre essa representação do homossexual e aquelas construídas a respeito dos judeus, vistos como profanadores, deicidas e agentes do diabo, que espalhariam a peste e a morte (DELUMEAU, 1996). O homossexual seria o responsável pela difusão da *nova peste negra* do mundo contemporâneo. A eles também caberia, em diversos textos, outras acusações, como a de *pedófilos, viciados, imorais, insidiosos* etc. Todos os atributos associados ao diabo, nos textos arrolados, também são aplicados aos homossexuais. A acusação de tramar contra a humanidade naturalmente é reforçada pelo uso da representação da serpente, agente da perdição do homem:

Devemos saber que é como uma víbora maldita eles se esqueiram pelos meios de comunicação, pelas escolas, pelos governos, pelas famílias e até pelas igrejas para espalhar seu veneno e seus valores deturpados e devassos. (CUIDADO, 2002, p. 1).

O texto refere-se uma suposta *cultura gay* presente nos meios de comunicação de massa e em instituições religiosas que realizam casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Qualquer manifestação cultural que defendesse a pluralidade de vivências sexuais e mesmo culturais passou a ser associada à conspiração dos homossexuais, vistos como um grupo coeso e organizado, tal como a Maçonaria e as próprias igrejas:

Não podemos deixar de dizer que eles são como que membros de uma igreja do mal, que trama nas sombras contra o mundo de Deus e de seus seguidores. Não podemos fechar os olhos e os ouvidos, eles são mais silenciosos e perigosos que os maçons, os infieis e os maus cristãos. (CUIDADO, 2002, p. 1).



Essa representação do homossexual, que mescla teoria de conspiração e metáforas da doença apresenta, naturalmente, ações possíveis para barrar o avanço dos conspiradores e de suas doenças. A defesa do *tratamento* da homossexualidade como doença permanece, mas, junto a ela, surge outra solução:

Se é uma doença deve ser tratada, mas e se ele estiver espalhando sua doença porque é mal e é um peão do diabo o que se deve fazer para acabar com sua falta de vergonha e de fé? Muitas famílias cristãs já matam o mal pela raiz porque não existe nada melhor para se curar a maldade e a falta de caráter do que uma boa surra. (EM DEFESA, 2000, p. 1).

Se o castigo físico foi apontado como um corretivo eficaz para o *problema*, a defesa de seu uso não se restringiu à educação infantil:

Você vê esses gays sem vergonha nas paradas gay lá de São Paulo, se eles fossem tratados na base do cacete isso não aconteceria, aí a sem vergonhice ia ser menor no país, a falta de moral também. Digo que a lei tinha que ser mais dura. (EM DEFESA, 2000, p. 1).

A condenação da *Parada Gay*, que acontece anualmente na cidade de São Paulo, é comum também nos textos de teor religioso, onde ela é representada como *carnaval de Satã, passeata dos imorais, festa do diabo* etc. São muitos os textos que apregoam a repressão oficial da parada, o boicote aos meios de comunicação que a divulgam e mesmo rezas coletivas pelas almas dos homossexuais que participam do evento.

Os textos divulgam a concepção de que os homossexuais possuem algumas características distintivas, que servem como índice para se detectar seu *grau* de homossexualidade. Tais características se ligariam principalmente ao gestual. Ele é descrito como alguém que *gesticula demais, não consegue controlar o corpo e, principalmente, que tem a boca nervosa*. A expressão *boca nervosa* aparece diversas vezes para caracterizar aquilo que se entende ser um *destempero vocal* do homossexual. A boca, assim como a mão, em função da influência da obra Etimologias de Isidoro de Sevilha (1982), publicada na Alta Idade Média, é representada como um instrumento de ambiguidade pelo cristianismo, já que por ela se prega a palavra de Deus, se suplica a salvação divina, mas também por onde entram os alimentos, que podem potencializar o pecado da gula. Por ela também se blasfema e se proferem impropérios. Assim, a representação do homossexual como portador de uma *boca nervosa* parte de uma



oposição básica. A *boca nervosa* proferiria impropérios, blasfêmias, inverdades, de forma desarticulada e histérica, enquanto que a *boca santa*, dos pregadores, espalharia a verdade de forma articulada e lúcida:

A boca nervosa desses homens treme para dizer coisas malignas e incompreensíveis, mistura as coisas para confundir os fiéis de Cristo e espalhar a confusão e com suas ideias de tolerância e igualdade. Tudo para despistar da verdade que é uma só e só pode ser simples, límpida como um riacho, proferida pela boca santa do pastor de Deus. (CUIDADO, 2002, p. 2).

O gestual e as palavras dos pregadores cristãos foram sempre referidos com adjetivos que denotam ordem, enquanto que as dos *blasfemadores* seriam sempre desarticuladas, caóticas e confusas. Tal concepção não foi utilizada apenas no ataque aos homossexuais, mas abriu espaço para a divulgação de um feroz anti-intelectualismo na instituição escolar. As análises conceituais complexas presentes no discurso das ciências humanas e sociais também foram consideradas como expressões dessa *boca nervosa*, cuja função seria confundir os fiéis e apartá-los do rebanho de suas igrejas:

Esses que falam difícil só querem desviar o fiel do caminho de Deus. O caminho da perdição está cheio de palavras doces e complicadas como igualdade e liberdade que são artimanhas para apanhar os menos informados da verdade. A gente deve jogar no lixo todas essas explicações de ateus e outros monstros difamadores e se basear só na verdade escrita. Nenhum livro merece ser lido se não está sob a autoridade da Bíblia. (O QUE, 2003, p. 1).

O grande problema de tais ciências, na leitura religiosa, é que intentariam explicar e justificar aquilo que não deve ser explicado. A visão relativista, assumida por boa parte das ciências humanas e sociais, serviria como uma alerta para os professores religiosos, pouco afeitos a explicações complexas que fujam do raciocínio explicativo assentado num princípio de oposição simples. Dessa visão, nasceu a prática, que se disseminou nos primeiros anos do novo século, de se respaldar ou negar toda fala a partir do uso da Bíblia. Essa prática ganhou tanta força nos primeiros anos do século XXI, a ponto de alguns professores levarem sempre um exemplar para a sala de aula com o intuito de comentar os conteúdos da aula.

Um dos poucos textos católicos distribuídos em sala de aula no período tratado faz eco à preocupação dos evangélicos com relação à homossexualidade. Trata-se de um artigo publicado originalmente na página do site *yahoo.com.br* no começo de 2007. O referido artigo foi distribuído como material de apoio para a discussão de diversos



temas controversos, como eutanásia, aborto, união civil de pessoas no mesmo sexo etc. O texto trata do apelo do Papa Bento XVI aos cristãos para que se mobilizassem contra o que ele considerava “ataques ao direito à vida” (aborto e eutanásia) e “legalizações de uniões alternativas ao casamento” (PAPA, 2007). No referido apelo, o papa dedicou pouco espaço para a questão da homossexualidade, mas o uso feito em sala de aula do documento deu grande peso à questão. O texto integral circulou em muitas salas de aula em 2007 e gerou trabalhos marcadamente favoráveis à postura do papa. A questão da homossexualidade e do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo foi tratada segundo uma perspectiva estritamente religiosa, já que nenhum texto de contraponto foi fornecido aos alunos. Pode-se perceber esse viés nos trabalhos produzidos por eles:

O papa pediu aos cristãos para combaterem coisas ruins que assolam nosso mundo, como assassinato de embriões e de pessoas doentes. Fala também do casamento entre gays como uma coisa errada que devemos combater. Eu concordo com ele e com o professor porque os gays já foram longe demais e não devem poder se casar porque o casamento não pode ser baseado no pecado. (O APELO, 2007).

Temas como esses passaram a ser debatidos em sala de aula a partir de critérios puramente religiosos. Encontrei poucos indícios de que a questão da eutanásia e, principalmente, do aborto e do casamento civil entre homossexuais tenha recebido outro tratamento nas escolas. Professores que não possuíam vinculações tão fortes com instituições religiosas pareciam preferir o silêncio a respeito de tais temas para evitar atritos. Assim como os homossexuais eram estrategicamente excluídos de trabalhos e discussões sobre direitos civis, o aborto não era mencionado quando se desenvolviam reflexões sobre a condição feminina.

A partir de 2004, como vimos, ocorreu uma guinada nas discussões sobre a homossexualidade, em função da exibição do filme *A paixão de Cristo*. Muitos textos usados a partir de então foram extraídos diretamente da *internet*. Os primeiros textos de internet identificados foram aqueles extraídos do site do *Movimento pela Sexualidade Sadia* (MOSES). A primeira ação de tal grupo ocorreu na parada gay do Rio de Janeiro em 1997, onde distribuiu panfletos e buscou *curar* os homossexuais participantes do evento. O uso de textos veiculados pelo site se disseminou em algumas escolas públicas de Penápolis a partir de 2006. O primeiro texto encontrado, intitulado *A Bíblia e o homossexualismo*, foi amplamente utilizado em 2006 pelos professores para *historicizar*



a homossexualidade a partir da autoridade da Bíblia, que superaria as discussões sociológicas, psicológica e éticas sobre a questão. Percebe-se, no texto, a defesa da transformação do homossexual:

O tema homossexualidade nunca foi tão explorado pela mídia como atualmente. Na televisão, os programas de auditório recebem militantes gays para entrevistas e debates sobre suas conquistas e promoção de seus eventos. Novelas e filmes também exaltam a homossexualidade. Rádios, jornais e revistas abriram-se para a questão. Os acalorados debates atravessam muitas perspectivas quando o assunto é a homossexualidade: psicológica, sociológica, ética e, a mais polêmica, a religiosa. A Igreja Evangélica, entretanto, mesmo não sendo favorável à prática homossexual, acredita que os homossexuais devem ser acolhidos, receber compaixão e ouvir a palavra de Deus. As Sagradas Escrituras prometem transformação para todo e qualquer pecador que se arrependa dos seus pecados e creia em Jesus Cristo. (A BÍBLIA, 2007).

A partir dessa afirmação de autoridade e da defesa da necessidade de transformação dos homossexuais, o texto discorre sobre a posição da igreja evangélica sobre o tema:

A Igreja Evangélica tem uma postura bem firme quanto à questão da homossexualidade. Apesar de lançar mão de argumentos psicológicos, científicos, sociológicos e éticos, é da Bíblia Sagrada que retira o substrato para nortear sua compreensão teológica e suas ações práticas. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, a Bíblia faz menção aos atos homossexuais. A primeira referência ao homossexualismo está no livro de Gênesis, quando os habitantes das cidades Sodoma e Gomorra tentaram violentar sexualmente dois anjos com aparência humana. (A BÍBLIA, 2007).

A descrição dos males causados pelo homossexualismo, segundo o Antigo Testamento, é apresentada como uma lição para os cristãos contemporâneos:

Ele considera a história de Gibeá um alerta para os cristãos dos dias de hoje pois, segundo afirma, esses também são suscetíveis de abrigar o pecado em suas comunidades: “Para que toda influência homossexual fosse arrancada do meio do povo de Deus, o Senhor ordenou que os benjamitas fossem combatidos. Na guerra que se seguiu, morreram quarenta mil soldados de Israel e vinte e cinco mil de Benjamin, sem mencionar as vítimas civis, que foram em número muito maior. A tragédia moral de Gibeá é um alerta para a comunidade cristã de todos os tempos. Ela mostra que não só a sociedade secular, mas também os próprios crentes são suscetíveis de perder a aversão pelas opiniões e práticas sexuais erradas. O ex-povo de Deus de Gibeá foi destruído porque não amou a Palavra do Senhor”. (A BÍBLIA, 2007).

A prática e a defesa do homossexualismo foram associadas à decadência do mundo contemporâneo, marcado por guerras e destruição. Nos trabalhos produzidos pelos



alunos a partir de tal texto, há uma associação direta entre homossexualismo, permissividade e fenômenos políticos, econômicos e sociais como pobreza, guerra e corrupção:

O mundo está sendo destruído porque nós não seguimos mais os mandamentos de Deus, porque toleramos que os homossexuais envenenem nossos poços e destruam a verdade. O resultado só pode ser o caos em que vivemos. (OS HOMOSSEXUAIS, 2007).

O referido texto também cita diversas passagens bíblicas para sustentar a condenação da homossexualidade:

Há, ainda, no antigo Testamento duas passagens muito claras a respeito do homossexualismo. São Levítico 18:22 e Levítico 20:13 que dizem o seguinte, respectivamente: “Com homem não te deitarás como se fosse mulher; é abominação” e “Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles”. (A BÍBLIA, 2007).

A parte do texto mais usada pelos alunos é a que aponta a condenação da homossexualidade no Novo Testamento. Entre os alunos leigos evangélicos, o Novo Testamento é muito mais estudado, daí sua autoridade ser muito mais referenciada quando se pretende defender uma ideia. A passagem abaixo foi utilizada em vários de trabalhos produzidos por alunos:

No Novo Testamento a homossexualidade também é abordada de forma clara em três momentos: Rm 1, 1 Co 6.9 – 11 e 1 Tm 1.8 - 11. As três referências são feitas pelo apóstolo Paulo. As principais passagens que abordam a questão homossexual, no entanto, encontram-se nas cartas do apóstolo endereçadas às igrejas de Roma e da cidade de Corinto, na Grécia. Tanto em Roma como na Grécia antiga, o homossexualismo era uma prática comum. A posição passiva era reservada para os escravos e para as mulheres, para os quais, aliás, era um dever. A palavra lésbica vem da ilha de Lesbos, na Grécia, onde vivia uma poetisa e sacerdotisa chamada Safo. Ela iniciava mulheres no homossexualismo. As palavras sodomitas e efeminados usadas em 1 Co 6.9 têm significados distintos: sodomita vem do pecado de Sodoma e tornou-se sinônimo universal de homossexualismo ativo; e efeminado é quando o homossexual faz o papel de passivo e, também, quando tem trejeitos femininos ou gosta de vestir-se com roupas de mulher. (A BÍBLIA, 2007).

A utilização de categorias bíblicas para explicar a diversidade da prática homossexual contemporânea teve grande receptividade entre os alunos, a ponto de a palavra sodomita substituir homossexual num número significativo de trabalhos. Os



trabalhos demonstram um posicionamento contrário à extensão dos direitos civis aos homossexuais, só os aceitando em caso de *cura*:

Porque se fala tanto em dar direitos aos homossexuais para fazerem suas perversidades. Não devemos encorajar o pecado, porque como disse Paulo o homossexualismo é contra tudo que é certo que foi criado por Deus. A lei deve dar a eles cura para o seu mal e assim eles podem ter direitos. Senão o mal vira epidemia e ninguém mais vai ter direitos. (OS DIREITOS, 2007, p. 1).

Esse tipo de raciocínio abriu espaço, em muitos trabalhos, para a defesa de um *combate* contra os homossexuais, *combate esse* que se assemelha à ideia de uma *guerra justa*. Uma parte significativa dos textos defende a ação do Estado para a resolução do *problema* homossexual:

Quem deve cuidar do problema é o governo com a ajuda das igrejas e o apoio da polícia. É um trabalho de limpeza longo e demorado que só pode ser feito se se tiver peito e mão firme. Não é possível ser fraco com essa questão. (A BUSCA, 2007).

A associação com o diabo e com a *luta cósmica* referida anteriormente naturalmente está presente em tais trabalhos. A metáfora da doença é misturada com as representações do diabo e de suas maquinações no mundo para criar um quadro caótico que demanda a ação efetiva dos cristãos.

O homossexual, nesses textos, é representado como um ser violento e impulsivo. A luta contra a *influência homossexual* seria, nesse sentido, respaldada pela vontade de Deus. A crítica também atinge a sociedade secular, representada em muitos textos como permissiva. Outro texto mostra o homossexual como alguém que manipularia os direitos e perverteria a sociedade. O texto possui longa digressão sobre a essência dos direitos humanos, associando a criação de tais direitos a preceitos bíblicos:

O sistema inteiro das leis de direitos humanos se baseia no fato de que cada ser humano tem direitos inalienáveis por causa de sua dignidade intrínseca. Esses direitos existem porque cada ser humano foi criado conforme a imagem de Deus. A origem dos direitos humanos não está nos governos nem nas organizações internacionais, mas nas leis de Deus. Em reação às atrocidades que o governo nazista cometeu, países de comum acordo criaram um sistema para proteger os direitos humanos fundamentais. O principal alicerce desse sistema é a Declaração Universal dos Direitos Humanos que, de acordo com René Cassin, se baseou nos Dez Mandamentos da Bíblia. Hoje, a Declaração é o ponto de referência mais importante quando se debate maneiras de colocar ordem num mundo interdependente cada vez mais cheio de conflitos. Conforme diz o Artigo 16 da Declaração Universal dos Direitos Humanos: Os



homens e as mulheres de plena idade, sem nenhuma limitação devido à raça, nacionalidade ou religião, têm o direito de se casar e estabelecer uma família. (A AGENDA, 2006, p. 1).

A família foi apontada no texto como sendo a instituição em nome da qual os direitos teriam sido erigidos, enquanto que a liberdade de pensamento foi associada diretamente ao pensamento religioso:

A família é a unidade fundamental da sociedade e tem o direito à proteção da sociedade e do Estado. Conforme o Artigo 18: Todos têm o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião. Expressar a religião livremente é direito de todos. (A AGENDA, 2006, p. 1).

A partir desse ponto, o texto se centra naquilo que ele entende como ataques contra os pressupostos fundamentais da Declaração Universal dos Direitos Humanos por parte de grupos minoritários, representados como *perversos* e *conspiratórios*:

Infelizmente, em nossa época os direitos fundamentais que a Declaração Universal expressa estão sob constante ataque de grupos que estão tentando destruir a proteção da família e a liberdade religiosa. Esses grupos estão promovendo a aceitação de vários conceitos perversos, inclusive o homossexualismo como um direito humano reconhecido no mundo inteiro. Referindo-se aos principais autores da Declaração Universal dos Direitos Humanos, Habib C. Malik escreveu: “Um dos fenômenos mais preocupantes que está avançando hoje pode ser descrito como o seqüestro sistemático dos direitos humanos para servir a interesses especiais e promover agendas duvidosas de natureza política e, de modo geral, secular”. (A AGENDA, 2006, p. 1).

O texto também ataca os diversos discursos produzidos sobre sexualidade, defendendo uma suposta manipulação de conceitos:

Para os ativistas que estão sempre criando um “novo” significado para certos termos, “interrupção voluntária da gravidez” quer dizer fazer aborto, “saúde reprodutiva” ou “direito reprodutivo” e “saúde sexual” ou “direito sexual” incluem o controle da natalidade e o aborto médico (inclusive para adolescentes), “orientação sexual” significa a homossexualidade, “gênero” inclui o homossexualismo e outras anormalidades sexuais e o conceito de “família” abrange “famílias” de variados tipos, inclusive homossexuais. Assim, esses e outros termos aparentemente inocentes usados em documentos da ONU e de muitas ONGs trazem significados disfarçados que abrem espaço para interpretações e aplicações nada inocentes. Um dos exemplos mais importantes da influência dos ativistas pró-homossexualismo em seus esforços para alterar o modo como entendemos a questão dos direitos humanos pode ser visto no empenho de alguns países membros da Comissão de Direitos Humanos da ONU para aprovar uma resolução que reconhece a orientação sexual como direito humano. (A AGENDA, 2006, p. 2).



O texto finaliza com uma reflexão sobre o homossexualismo que nega o direito de liberdade sexual em função dos supostos danos que tal liberdade acarretaria para a instituição central da sociedade, a família monogâmica e heterossexual:

O reconhecimento da orientação sexual como direito humano demolirá a natureza universal dos direitos humanos. Se a orientação sexual for reconhecida como direito humano, as leis que protegem a família em todos os países sofrerão uma séria agressão e precisarão ser mudadas a fim de que os praticantes do homossexualismo possam ter o direito de se casar, adotar crianças, se alistar no serviço militar e gozar a proteção de leis de ação afirmativa, entre muitos outros privilégios. Tal aceitação do homossexualismo violará os direitos da família e o significado legal do casamento da maioria esmagadora das pessoas no mundo inteiro. (A AGENDA, 2006, p. 3).

A repercussão dos textos mencionados acima foi grande entre o alunado. Eles produziram, com base nele e nas discussões travadas em sala de aula, muitos trabalhos sobre o tema. Numa análise do conteúdo discursivo de tais textos, percebe-se que a oposição natural-antinatural passou a ser fundamental da representação do homossexualismo. A visão dos direitos humanos como prioritariamente criados para salvaguardar as famílias também permeia uma parte significativa dos trabalhos. Quase nenhum aluno produziu uma interpretação diferente. Alguns trabalhos, marcados por argumentos contrários de outros professores ou de outros textos, mais laicizados, apresentam a ideia de que os direitos civis são universais e não podem ser restringidos em função da conduta sexual, entendida como algo de foro íntimo. Mas tais trabalhos são minoritários. As observações em vermelho produzidas pelos professores e a nota atribuída a tais trabalhos demonstram que sua argumentação não se enquadra naquilo que o professor responsável pela distribuição dos textos esperava.

Uma cultura política que situa a origem dos direitos do homem unicamente na Bíblia é, nesse contexto, disseminada nas escolas públicas pesquisadas. O conceito democrático-liberal, que atribui a soberania do Estado à vontade geral, portanto da esfera política como expressão puramente humana, não encontra o mesmo respaldo que a concepção supracitada. A diversidade de comportamentos sexuais, no caso, não é respaldada pelo conceito de direitos presente nos textos em questão. Nesse sentido, a atuação dos cristãos no mundo, inclusive nas esferas política e educacional, é justificada como parte de uma luta para a instituição das leis de Deus em espaços *contaminados* por ideias profanas.



4. Considerações Finais

O campo religioso brasileiro passou por grandes transformações na virada para o século XXI. Este trabalho analisou um dos fenômenos ligados a essas mudanças, a inserção do proselitismo religioso em escolas públicas do interior paulista. A presença desses discursos no universo escolar serviu para aumentar a clientela das igrejas em ascensão no campo, principalmente pentecostais e neopentecostais e reforçou certas representações de mundo tradicionais acerca da família e da sexualidade. O homossexualismo, nesse processo, foi demonizado e a extensão dos direitos civis aos homossexuais foi arduamente combatida. A pesquisa de campo constatou que essas representações consolidaram certo imaginário sobre o mundo que entende a realidade como uma luta entre opostos, representados pelo caos e pela ordem, sendo a ação dos professores religiosos responsável por manter ou reestabelecer a ordem do mundo.

Referências

A AGENDA gay e a sabotagem dos direitos humanos. Penápolis, 2006. Texto crítico distribuído nas escolas.

A AIDS e suas verdadeiras causas. Penápolis, 2002. Texto crítico distribuído nas escolas.

A BÍBLIA e o homossexualismo. 2007. Texto crítico extraído do site do MOSES. Disponível em <http://www.moses.org.br/artigos/mostra_artigo.asp?ID=23>. Acesso em jan. de 2008.

A BUSCA da cura. Penápolis, 2007. Trabalho de aluno do primeiro colegial da EE Yone Dias de Aguiar.

A REVANCHE dos adoradores. Penápolis, 2004. Texto crítico distribuído nas escolas.

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARIÉS, Philippe. São Paulo e a carne. In: ARIÉS, Philippe, BÉJIN. (orgs.). **Sexualidades ocidentais.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

BÍSCARO, Roberto Rillo. **“Eles” não fumam charutos: a inversão no uso de estereótipos gays na peça Lips Together, teeth apart de Terrence McNally.** 196 p.



Dissertação de mestrado em Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2002.

BURKE, Peter. **A cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Difel, 1989.

CUIDADO com os inimigos de Deus. Penápolis, 2002. Texto crítico distribuído nas escolas.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador volume I: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

EM DEFESA de uma educação verdadeira. Penápolis, 2000. Texto crítico distribuído nas escolas.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. O combate da castidade. In: ARIÉS, Philippe, BÉJIN. (orgs.). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LE GOFF, Jacques, TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MOTT, Luiz. **O sexo proibido: virgens, gays e escravos nas garras da Inquisição**. Campinas, SP: Papirus, 1988.

O APELO do papa. Penápolis, 2007. Trabalho de aluno do terceiro colegial da EE Yone Dias de Aguiar.

O QUE falam os infiéis e os incrédulos o cristão não escuta. Penápolis, 2003. Texto crítico distribuído nas escolas.

O QUE querem os gays e simpatizantes. Penápolis, 2004. Texto crítico distribuído nas escolas.

OS DIREITOS dos homossexuais. Penápolis, 2007. Trabalho de aluno do segundo colegial da EE Yone Dias de Aguiar.

OS HOMOSSEXUAIS e a destruição do mundo. Penápolis, 2007. Trabalho de aluno segundo colegial da EE Yone Dias de Aguiar.



PAIXÃO de Cristo. Direção: Mel Gibson. [S.l.]: Warner, 2004. 1 DVD (127 min).

PAPA pede mobilização dos fiéis diante de ataque ao direito à vida, 2007. Disponível em <<http://brnoticias.yahoo.com/s/24022007/entretenimento-papa-pede-mobiliza-dos-fieis-diante-ataques-direito-vida.html>>. Acesso em 01 de jan. de 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PETERS, Carlos Eduardo Marotta. **A cadeira de rodas de Stephen Hawking:** religião, representação do outro e da ciência em escolas públicas de Penápolis na virada do século XX para o XXI (1990-2008). 2010. 258 p. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.

PETRY, André. Eis uma conspiração. **Revista Veja**, 03 nov. 2004, p. 116.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ARIÉS, Philippe, BÉJIN, André. (Orgs.). **Sexualidades ocidentais:** contribuição para a história e para a sociologia da sexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SOLDADOS de Cristo. Penápolis, 2003. Texto crítico distribuído nas escolas.

SEVILHA, Isidoro de. **Etimologias.** Ed. Bilíngue (latim-espanhol) de J. O. Reta e M. A. M. Casquero. 2. v. Madrid: BAC, 1982.

UMA DOENÇA que atinge as famílias brasileiras. Penápolis, 1995. Texto crítico distribuído nas escolas.

Submetido em: 09/06/2017. Aprovado em: 13/07/2017.

